



Evento	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2014
Local	Porto Alegre
Título	Mães no cárcere - do vínculo ao abandono afetivo
Autor	JAIRO MELO BREHM
Orientador	FABIANO JUSTIN CERVEIRA
Instituição	Faculdades Integradas São Judas Tadeu

A pesquisa enfoca o vínculo materno em mães presas na Penitenciária Feminina Madre Pelletier - em Porto Alegre-RS. A partir do relato das detentas e com estudos buscando a fundamentação nas áreas do Direito, Psicologia, Sociologia, História e Filosofia, o presente trabalho visa esclarecer que o amor materno é uma construção social e que pode ser desconstruído no cárcere. O amor materno descrito por essas mães evidencia de um lado, valores de caráter mais arcaico e universal na cultura humana, os quais conferem à experiência amorosa qualidades sobre-humanas de onipotência, imortalidade e indivisibilidade. De outro lado, exprime valores tipicamente burgueses – o sonho da maternidade, o amor romântico, o ideal de família, filho como dom e a mãe modelar – presentes na cultura ocidental a partir dos séculos XVIII e XIX. A manifestação do amor dessas mães por seus filhos sofre a influência de suas experiências absolutas enquanto filhas e da relação que puderam, ou não, construir com seus filhos antes ou durante o encarceramento. Mães que puderam experimentar o amor materno de forma consistente deixam evidente que ele é construído na relação presencial com o filho. Observa-se, também, no estudo, que as prisões não foram pensadas para abrigar mulheres e refletem, em suas práticas, valores androcêntricos. A forma atual como a prisão media, e ainda mede, o contato entre as mães presas e seus filhos indica a presença de estereótipos e preconceitos e pode ser considerada como um obstáculo à manutenção da relação amorosa. O estudo busca verificar a necessidade de se adotar medidas corretivas no sistema carcerário, de modo a garantir o direito às mães presas de exercerem sua maternidade, e sugere alternativas para essa situação, tendo em vista, sobretudo, que a proximidade com os filhos é fator de saúde mental e estímulo no processo de ressocialização. O rompimento traumático do vínculo de mãe e filho é vivido com intenso sofrimento, pois além da mulher não corresponder com o que é socialmente esperado dela – frente a um modelo imposto, comumente é impedida de exercer o papel materno. Ao longo da pesquisa verificar-se-á se a vivência da maternidade na prisão, seja ela impedida ou não, é permeada por medos, perdas, culpas, incertezas e intenso sofrimento psíquico. Essas experiências criam marcas inapagáveis em suas vidas que podem ser elaboradas, mas dificilmente esquecidas. Essas marcas também podem estar presentes no psiquismo dos filhos, que acabam tendo o direito à convivência com a mãe extremamente prejudicado - o que é vivenciado com muito pesar e dor, pois em função do rompimento abrupto, acabam tendo que se adaptar a uma nova configuração de família, e muitas vezes, à uma pessoa na condição de substituta da mãe. Aponta a pesquisa, para a (in)eficácia do Estado em promover o convívio das prisioneiras no que tange a aproximação entre mães e seus filhos, proporcionando o vínculo maternal – comprovadamente proveitoso na recuperação da mãe presa e da construção da relação mãe-filho.